



## **Estratégias de permanência de Indígenas estudantes na Universidade Federal do Pará: desafios e resistência**

**Strategies for the Persistence of Indigenous Students at the Federal University of Pará:  
Challenges and Resistance**

**Estrategias de permanencia de Indígenas estudantes en la Universidad Federal do Pará:  
desafíos y resistencia**

**Ignacio San Martin Araya<sup>1</sup>**

**Virginia Braga Fonseca<sup>2</sup>**

**Resumo:** Este artigo aborda os processos de resistência dos estudantes indígenas na Universidade Federal do Pará (UFPA). Como abordagem usamos a etnografia multisituada e uma perspectiva biográfica, no qual examinamos como esses estudantes desenvolvem estratégias de permanência institucional. Enfrentando preconceito e desafios, eles se tornam agentes de mudança, usando o ensino superior como uma ferramenta de emancipação e preservação de suas culturas. Embora as ações afirmativas tenham avançado, a inclusão real desses estudantes ainda é um desafio. No entanto, suas lutas contribuem para a transformação da sociedade, promovendo a compreensão da diversidade cultural e o respeito pelos direitos indígenas e da floresta, apoiando assim, a preservação de seus territórios por meio das ferramentas proporcionadas por sua formação profissional.

**Palavras-chave:** Educação superior; Resistência Indígena; Ações Afirmativas; Educação Indígena; Modos de Vida.

**Abstract:** This article addresses the resistance processes of indigenous students at the Federal University of Pará (UFPA). As an approach we use multi-situated ethnography and a biographical perspective, in which we examine how these students develop strategies for institutional permanence. Facing prejudice and challenges, they become agents of change, using higher education as a tool for emancipation and preservation of their cultures. Although affirmative actions have advanced, the real inclusion of these students is still a challenge. However, their struggles contribute to the transformation of society, promoting understanding of cultural diversity and respect for

<sup>1</sup>Mestrando em Sociologia e Antropologia pelo PPGSA / UFPA. E-mail: [i.sanmartin.araya@gmail.com](mailto:i.sanmartin.araya@gmail.com)

<sup>2</sup>Graduada em Administração na Universidade Federal do Pará – UFPA. E-mail: [arapassovirginia@gmail.com](mailto:arapassovirginia@gmail.com)



indigenous and forest rights, thus supporting the preservation of their territories through the tools provided by their professional training.

**Keywords:** Higher education; Indigenous resistance; Affirmative actions; Indigenous education; Ways of life.

**Resumen:** Este artículo aborda los procesos de resistencia de los estudiantes indígenas en la Universidad Federal de Pará (UFPA). Utilizamos un enfoque etnográfico multisituado y una perspectiva biográfica para examinar cómo estos estudiantes desarrollan estrategias de permanencia institucional. Enfrentando prejuicios y desafíos, se convierten en agentes de cambio, utilizando la educación superior como una herramienta de emancipación y preservación de sus culturas. A pesar de que las acciones afirmativas han avanzado, la inclusión real de estos estudiantes sigue siendo un desafío. Sin embargo, sus luchas contribuyen a la transformación de la sociedad, promoviendo la comprensión de la diversidad cultural y el respeto por los derechos indígenas y forestales, apoyando así la preservación de sus territorios a través de las herramientas proporcionadas por su formación profesional.

**Palabras clave:** Educación superior; Resistencia indígena; Acciones afirmativas; Educación indígena; Modos de vida.

## **Introdução**

Este artigo busca mostrar como a categoria resistência é articulada por seis indígenas estudantes da Universidade Federal do Pará/UFPA, a contar com as experiências de Virgínia Arapasso, uma das autoras deste artigo. As reivindicações do movimento indígena pelo direito aos territórios e ao acesso à educação, “permitiu a democratização do acesso às populações historicamente ausentes” (BUTI, 2021, p. 3), ou seja, é por meio do Decreto nº 7.824 de 2012, e posteriormente, da Lei nº 12.711 de 2021 que há a obrigatoriedade da aplicação e oferta de vagas para a população negra, indígena e quilombola, isso por conta da dívida histórica que o Brasil possui para esses povos que foram e ainda são historicamente subalternizados, estes elaboram modos de vida diferentes, por conta de suas origens, trajetórias educacionais, de vida e visões de mundo diversos (BUTI, 2021). Quando indígenas estudantes saem de seus territórios para vivenciar os ambientes da universidade, também passam a elaborar um modo de vida que sofre influência por conta do contato com o mundo do não-indígena.

Para a realização desta pesquisa, a primeira etapa da investigação consistiu na realização de levantamento bibliográfico, nas plataformas de busca dos dados: google acadêmico, scielo, redalyc, Biblioteca UFPA, Portal de Periódicos da CAPES, ABA, CLACSO, Youtube, entre outras fontes. Nas buscas usamos as palavras-chave: educação indígena, lei de cotas, resistência indígena, ações afirmativas no ensino superior, UFPA e sistema de cotas.

Na sequência dessa apropriação bibliográfica, construímos o arcabouço informativo necessário para, no mesmo momento em que, Ignácio Araya começa a construir um vínculo com organizações que envolvessem estudantes indígenas. Ao mesmo passo que Virgínia

Arapasso, desde 2016, com a entrada na universidade, tem envolvimento com o movimento indígena da UFPA, que em sua maioria são articulados por indígenas mulheres.

A realização da pesquisa de campo na Associação dos Povos Indígenas Estudantes na Universidade Federal do Pará, exigiu visitas constantes para a realização de conversas e entrevistas com as e os indígenas estudantes que frequentam o espaço da associação, e/ou de eventos com a temática, seja ele acadêmico ou mais voltado para atuação nos movimentos estudantis.

Dessa forma, para apreensão e construção dos dados empíricos, fizemos uso de: registros fotográficos<sup>3</sup>, entrevistas semiestruturadas, observação participante e anotações em diário de campo. O trabalho de campo por um tempo foi um enigma, isso por conta dos fatos etnográficos não existirem, e, como eles não existem, tecê-los torna-se uma atividade complexa e densa, pois nos primeiros dias em campo<sup>4</sup>, tudo é confuso e sem sentido.

Como ferramenta para a construção dos dados, fizemos uso da abordagem qualitativa, descrição das situações vivenciadas e da abordagem biográfica. A escolha dessa metodologia se deu devido à complexidade da temática de pesquisa e por dar relevância à experiência das e dos interlocutores. Os dados apresentados resultam da participação em diferentes espaços e certamente findam figurando como uma etnografia multisituada. A Etnografia *multisituada* é uma abordagem de pesquisa qualitativa em antropologia que envolve o estudo das relações e conexões entre pessoas, lugares e eventos em múltiplos contextos culturais (GRILLO, 2019). Esta abordagem enfatiza a importância de compreender como os fenômenos sociais e culturais estão interligados e como eles moldam as experiências e identidades de indivíduos e comunidades.

Na primeira parte deste artigo, realizamos uma revisão de literatura com o intuito de fazer uma contextualização histórica dos indígenas intelectuais e a lutas do movimento indígena pelo direito à educação, que são tidas como fundamentais para a luta e garantia dos seus

---

<sup>3</sup> Embora haja diversos registros fotográficos, neste artigo não apresentarei tais registros.

<sup>4</sup> Em “O Trabalho do Antropólogo: Olhar, ouvir, escrever” (1996, p. 16,17)”, Roberto Cardoso de Oliveira discorre sobre a primeira experiência do pesquisador no campo, esta talvez estaria na domesticação teórica de seu olhar. Para ele, a partir do momento em que estamos preparados para ir ao campo, olhamos o com um olhar que fora previamente disciplinado pela disciplina antropológica, fazendo com que a disciplina seja um tipo de prisma ou de instrumento, no qual “a realidade observada sofre um tipo de processo de refração”. Ou seja, o pesquisador ao adentrar em um local desconhecido, como uma maloca – exemplo utilizado por Cardoso de Oliveira – não olhará seu interior com ingenuidade e mera curiosidade, no entanto, carregado com a teoria antropológica, terá um olhar sensível para a apreender as informações disponíveis e ouvido preparado para eliminar todos os ruídos.

territórios. Conforme Daniel Munduruku (2012), há a necessidade de preparação de indígenas dentro do campo político, no qual a educação pode ser a ferramenta que tem potencial para a transformação do Estado.

Já a segunda parte deste artigo trata sobre a entrada de indígenas estudantes na universidade, entrada que é acompanhada por uma série de questões relacionadas ao enfrentamento do racismo, distância de suas comunidades e a mudança nos hábitos alimentares e na rotina. Nisso, refletimos sobre como a UFPA tem garantido as políticas de acesso, mas ainda está andando em passos lentos quando a temática são as ações de permanência para indígenas estudantes.

Quando indígenas estudantes saem de suas comunidades e passam a vivenciar uma nova forma de organização social, nesses casos, em Belém do Pará. Os modos de vida desses estudantes surgem em suas narrativas como algo em adaptação/transformação, já que precisam se adaptar numa nova cidade com visões de mundo diferentes. Quanto a isso, Ailton Krenak (2019; 2020) mostra que os modos de vida para os povos indígenas, são distintos por pensar a humanidade como todos os seres além do *homo sapiens*, ou seja, humanos são todos os seres que também excluímos: os animais, rios, floresta, vento, montanha e outros, assim, a vida atravessa tudo, até mesmo aquelas vidas que nós banalizamos.

Inspirados em Ingold (2000), compreendemos que o modo de vida não são produtos finais e completos, mas sim processos dinâmicos e em constante transformação, moldados pelas histórias de vida das pessoas, seus encontros e desencontros com outros elementos e suas experiências do mundo ao seu redor. Os modos de vida são dinâmicos e em constante transformação, moldados por práticas cotidianas e histórias de vida, mas também influenciados por fatores externos, como o ambiente e a história.

Na terceira e última parte deste artigo, realizamos uma reflexão sobre a categoria resistência, no qual, destacamos o conceito articulado por João Figueiredo (2017) como a luta pela sobrevivência, pela garantia dos direitos, pelo respeito às tradições indígenas e defesa dos modos de vida. Além dessa reflexão teórica, também apresentamos como os indígenas estudantes da UFPA estão pensando e elaborando suas resistências na UFPA.

### **Contextualização: *Indígenas intelectuais*<sup>5</sup> pela luta do território e o direito à educação**

Sabe-se que a colonização impôs regime de escravidão e diversas tentativas de processos para que os saberes indígenas fossem descartados. Conforme Monteiro (2018) o medo também sempre foi um instrumento de conservação da violência estrutural na formação social excludente. Todos esses cinco séculos foram marcados pela tensão na formação social autoritária, que sempre buscou resolver os conflitos através de mecanismos coercitivos do Estado, de um projeto de assimilação cultural e da supressão da diversidade cultural dos povos originários.

Por conta da forma em que o Brasil foi colonizado, ainda pode-se contar no dedo a quantidade de pessoas negras e indígenas que estão presentes nas salas de aula da universidade, ou seja, estão em minoria nas universidades do Brasil, esse panorama foi historicamente moldado por desigualdades e que nos colocam em condições de subalternidade, em relação aos que não possuem as mesmas experiências que negros e indígenas.

Aos passos muito lento esse cenário está mudando por conta de iniciativas institucionais, e, da participação de movimentos sociais, movimentos que auxiliam a reduzir as discrepâncias na sociedade (BRAGA E MARINHO, 2022). De acordo com o intelectual indígena Gabriel Braga e Denise Cardoso (2022), quando olhamos para a educação, os reflexos das desigualdades sociais se apresentam, principalmente, no acesso restrito ao ensino superior por parte desses grupos.

Bicalho (2019, p. 92) usa como hipótese central em seu artigo pensar as Assembleias Indígenas como primeiro marco fundador do Movimento Indígena no Brasil. Diante de todas reivindicações, nessas reuniões, a questão da demarcação de terras apareceu unanimemente em todas as Assembleias (BICALHO, 2010, p. 107), isso devido à problema de invasão terras indígenas por fazendeiros, posseiros, garimpeiros, desmatamento e pesca ilegal, e, outros problemas como passagem de rodovia, linha de energia e outras atividades ilegais que prejudicam os territórios indígenas. As assembleias possibilitaram o surgimento de organizações indígenas como a União das Nações Indígenas (UNI) em 1980.

---

<sup>5</sup> Conforme Bergamaschi (2014), esse termo é usado para se referir aos indígenas que frequentam os espaços universitários e tornam-se intelectuais, e ao mesmo tempo, refere-se aos intelectuais orgânicos que são comprometidos com a luta de sua comunidade, ou seja, o indígena intelectual não está restrito aos muros da universidade, no entanto, é aquele que transita entre os dois mundos: o indígena e o não-indígena.

Os territórios indígenas, mais do que um espaço geográfico, representam as identidades indígenas, por haver uma relação sistêmica entre a natureza, o homem e a espiritualidade. A identidade é compreendida como a essência de cada pessoa ou de cada povo; é irrenunciável e acompanha toda a vida do ser humano. Roberto Cardoso de Oliveira (1976), em seu livro *Identidade, etnia e estrutura social*, aporta ao entendimento das formas pelas quais as identidades étnicas são construídas e negociadas, e como elas são influenciadas por estruturas sociais e políticas mais amplas, tais como o colonialismo, a escravidão e a migração. Em sua pesquisa, Oliveira (1976) também explorou a relação entre as identidades individuais e coletivas, e como essas identidades interagem entre si na formação de fenômenos sociais e culturais. Ele estudou as formas pelas quais as experiências e perspectivas individuais são moldadas pelas identidades coletivas, e como as identidades coletivas são influenciadas pelas experiências e perspectivas individuais.

As identidades parecem invocar uma origem, em um passado histórico com o qual elas detêm determinada correspondência (HALL, 1997)<sup>6</sup>. A restauração do território é um projeto coletivo que significa gestar diretamente os recursos naturais. Sem território, torna-se quase impossível a existência indígena, porque os direitos indígenas são coletivos, assim como a terra, o conhecimento espiritual e a perspectiva da justiça comunitária.

A luta pelo território marcada nas falas das diversas lideranças foi articulada juntamente com o estabelecimento de novas formas de atuação, ou como aponta Baniwa (2019, p. 86), articulações que devem dar conta das “novas perspectivas pós-contato na relação com a sociedade moderna, notadamente nos campos dos direitos e da cidadania”. Assim, o direito pela educação também foi reconhecido como importante ferramenta para atuação diante do Estado e a Sociedade nacional, principalmente para reivindicação do direito dos cidadãos e o direito à diferença das diversas comunidades indígenas (Bicalho, 2010, p. 109).

Ainda de acordo com Bicalho (2010), na 13ª Assembleia Indígena de 1980, Doétxero Tukano diz que o indígena deve querer estudar para lutar pelas suas terras, suas famílias, direitos e segurança. Questão também apontada pelo avô de Manuela Soares que queria que suas filhas aprendessem a transitar entre o mundo indígena/Karipuna e o não indígena (Soares,

---

<sup>6</sup> O território, mais do que um espaço geográfico, representa a identidade do indígena; em entrevista com meus interlocutores se apresenta o território como um espaço essencial em sua vida, projetando não só um espaço físico sim não como um lugar vivo.

2021, p. 5), em um contexto em que as mulheres saíam da aldeia somente por motivo de casamento.

A resistência dos povos indígenas na luta por seus direitos e pela preservação de suas culturas é uma questão crucial em todo o mundo. A educação indígena é um aspecto central dessa luta, pois é uma ferramenta essencial para garantir a continuidade dos modos de vida tradicionais e a preservação das línguas e culturas ancestrais. A imposição de modelos de educação não indígenas, na maioria dos casos se apresentam como excludentes e desrespeitosos à diversidade cultural, a exemplo disso Ana Manuela Soares<sup>7</sup> (2021, p.4) mostra que, de acordo com as mulheres mais velhas de sua comunidade, a escola não valorizava os conhecimentos, práticas e língua do seu povo Karipuna de Oiapoque no Amapá.

Historicamente, a educação indígena foi marcada por políticas de assimilação e integração, que resultaram em uma perda significativa de línguas, costumes e saberes tradicionais. Nas últimas décadas, a luta dos povos indígenas e de organizações indigenistas tem conseguido avanços importantes na construção de uma educação intercultural e bilíngue, que respeite e valorize a diversidade cultural e linguística do país. Essa luta envolve desde a formação de professores indígenas até a criação de escolas em territórios indígenas, passando pela produção de materiais didáticos e pela valorização dos conhecimentos tradicionais nas práticas pedagógicas.

Os indígenas intelectuais apontam para a necessidade de preparação dos povos indígenas desde muito jovens dentro do campo político e do movimento indígena em que a educação é vista como uma potencial ferramenta para transformar o Estado (Munduruku, 2012; Fernandes, 2018). E é por meio da Constituição Federal de 1988 que reconhece a organização, costumes e modos próprios de transmissão de conhecimento das comunidades indígenas, esse reconhecimento permite que os/as indígenas reinventem a escola como espaço de construção de relações intersocietárias que são baseadas na interculturalidade e na autonomia política, conforme Eloy Amado (2020, p. 19).

---

<sup>7</sup> Ana Manoela Primo dos Santos Soares ou Ana Manoela Primo dos Santos Soares Karipuna. Indígena do povo Karipuna. Doutoranda e Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Atua em pesquisas na Amazônia na área de Antropologia junto aos povos indígenas do Oiapoque, em especial com o povo Karipuna, nos seguintes temas: etnologia indígena; movimentos indígenas; movimentos e direitos das mulheres indígenas; gênero; geração; corpo; território; parentesco; memória; oralidade; biografias indígenas e povos indígenas em contextos museais. Apresentando uma de minhas principais interlocutoras.

Clarice Cohn (2005, p. 486) chama essa nova forma de educação de “educação diferenciada”, pois na medida em que o indígena conquistou seu direito à educação escolar promovida pelo Estado, este também conquistou que sua cultura, costumes, língua e processos próprios de ensino aprendizagem sejam respeitados. Espera-se que a oferta de educação diferenciada possibilite a continuidade do aluno indígena em instituições não-diferenciadas pautadas pela legislação federal e pelo Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas de 1998. Esse movimento objetiva também formar professores indígenas “na tentativa de moldar a transmissão desses conhecimentos específicos de um modo respeitoso às expectativas dos indígenas” (Cohn, 2004, p. 487).

Nisso, para Eloy Amado (2020, p. 4), a educação indígena prepara o indígena para o manejo dos dois mundos indígena e não-indígena, que possuem distintas cosmologias. Nessa trajetória o indígena carrega uma identidade cultural somática, pois através da escola “vem adquirindo esse somatório de elementos que não são próprios de sua cultura” (Eloy Amado e Brostolin, 2011, p. 6). Assim, a educação indígena é pensada como “uma nova forma de educar, pautada na autonomia e identidade étnica dos membros de cada comunidade” (Costa e Costa, 2018).

### **Quando indígenas entram na universidade**

Quando estudantes indígenas entram na universidade, uma série de situações surgem. A experiência pessoal de Virginia Arapasso Fonseca (2019) - uma das autoras deste artigo - e de Rosani Fernandes (2007) como discentes da Universidade Federal do Pará/UFPA, mostram que as principais dificuldades em seus ingressos na universidade: (1) a adaptação a um novo estilo de vida; (2) a distância da família (marido e dois filhos) e da comunidade; (3) a possibilidade de encontrar lugar adequado para morar; e (4) a mudança da rotina a qual não estava acostumada.

No caso de Virgínia Arapasso, a jornada acadêmica foi marcada por desafios antes mesmo da entrada na universidade. Por fazer parte do território indígena Arapáço, localizado no noroeste do estado do Amazonas, nas áreas indígenas do Rio Negro, quando prestei a seleção do Processo Seletivo Especial/PSE da UFPA, primeiro foi preciso viajar da comunidade até Manaus, e depois, a Belém. Após participar da seleção, o resultado não foi como esperado, embora não tenha tido a aprovação nesta primeira seleção, continuei em Belém e me preparei

para uma segunda seleção, momento em que fui aprovada para cursar Bacharel em Administração.

A experiência de morar em outra cidade e a aprovação no processo seletivo, exigiu uma adaptação a um novo estilo de vida em Belém. Além dos problemas financeiros, estar longe da família e comunidade, trouxe outros tipos de dificuldades, as emocionais. No primeiro ano em Belém, a rede de apoio recebida por meio de acolhida na casa de uma parente em Ananindeua, foi o que minimizou os impactos dessa mudança no primeiro momento.

Conforme apontam Gabriel Braga e Antônio Neto (2022, p. 100), indígenas estudantes da UFPA, após o acesso à universidade, começa uma nova etapa na vida cotidiana dos estudantes, marcada por vários confrontos para a conclusão do curso de graduação. O racismo e a questão financeira se destacam como elementos cruciais para que indígenas estudantes consigam concluir o ensino superior, e para que tal ocorra torna-se necessário que se elaborem formas de resistência para sua permanência na universidade. De acordo com Eloy Amado (2011):

O aluno indígena ao entrar na universidade não abandona os laços com seus parentes, sejam eles da sua aldeia ou de seu grupo familiar, ao invés disso, busca reforçar seus vínculos. Luiz Eloy Amado e Regina Brostolin (2011, p. 8) dizem que essa atitude de ligação à comunidade mesmo estando na cidade, é o fato de quase todos os alunos indígenas, por eles pesquisados, escreveram seus trabalhos de conclusão de curso com a temática voltada para suas comunidades: De início, o que percebemos é que o indígena quando entra na universidade não abandona os laços que têm com sua comunidade de origem, pelo contrário, procura manter um vínculo maior com seus familiares. Essa atitude percebemos também com relação àqueles que já vivem na cidade, pois a partir do momento que entram na academia, procuram reavivar os laços com sua comunidade ou de seus pais. Esta constatação pode ser observada quando olhamos os trabalhos de conclusão de curso desses acadêmicos, dos entrevistados, foi unânime o tema que envolve direta e indiretamente a questão indígena. Ademais, há uma preocupação de conhecer a história de seu povo e uma procura dos elementos que marcam a presença indígena em variados espaços da universidade (Eloy Amado e Brostolin, 2011, p. 8).

Josilene, indígena estudante do curso de licenciatura em história, ao conseguir uma bolsa para realizar pesquisa sobre os artefatos e pinturas corporais das mulheres indígenas de seu povo Karipuna em Oiapoque no Amapá, revela, assim, seu vínculo com a comunidade:

e estou fazendo um estudo sobre os artefatos, as pinturas corporais das mulheres indígenas do Oiapoque, do meu povo, do povo Karipuna(...) também os grafismo trazido nos artefatos, né? que veio

que é uma bolsa de quatrocentos reais, a bolsa... Que também que me trouxe a que me levou mais, me incentivou mais a pesquisar é porque é voltado para o meu povo e também que vai me ajudar muito no meu TCC. E foi por isso que eu resolvi pesquisar sobre esses aspectos (Josilene, 27, Licenciatura de História, Galibi Marworno. Entrevista em setembro de 2022).

Ainda conforme Luiz Eloy Amado e Marta Brostolin (2011, p. 8) não há dúvida de que está nas finanças o principal problema enfrentado pelos alunos indígenas, mas este não é o único que os aflige. A distância de casa, deslocamento para lugares distantes de suas comunidades, despesas com aluguel, alimentação, transporte e outros gastos, e ao mesmo tempo, a falta de políticas públicas que garantam a permanência desses alunos na universidade, por vezes se torna um impedimento para a continuidade nos estudos. Para Juliano Kaxuyana:

A primeira porrada que nós leva, é a distância e vir de lá, começa a sair de lá de nossa aldeia, essa é uma das grandes dificuldades... a primeira luta para entrar na universidade é a chegada aqui, fazer a prova do PSE que é distante, gasta tempo, leva dinheiro. É essa a primeira grande luta para entrar e a segunda é a permanência mesmo e também muitos conseguem entrar, mas também muitos não conseguem permanecer devidamente com recursos financeiros, né? Que ainda por incrível que pareça, ainda são, por mais que a UFPA, tenha e destine um certo recurso, ainda não é o suficiente para entregar a todos aqueles que estão dentro da universidade que ainda ficou muito ficam de fora (Juliano, 27, Enfermagem, Kaxuyana e Tiryó, Pará)

Ao mesmo tempo em que a Lei de Cotas permite o acesso aos *parentes* indígenas no ensino superior, há poucas garantias de condições de permanência a esses alunos (Eloy Amado e Brostolin, 2011). Com a entrada dos indígenas estudantes nas universidades, e, conseqüentemente suas presenças mais constantes nas cidades, as expressões identitárias, como vestimenta, hobbies, língua e outros elementos distintivos, são usados como ferramenta de luta para reafirmar suas etnicidades.

### **Modo de vida como categoria *êmica* e categoria *ética***

Dessa forma, no percurso desta pesquisa, dois contextos nos chamaram atenção, por terem sido recorrentemente mencionados pelos *parentes* como um fator que inquieta na vida fora da aldeia: o modo de vida. Essa definição, modo de vida, figura como uma categoria *ética* (Posey, 2001), mas aparece como uma *categoriaêmica* (Posey, 2001), pois é assim que os indígenas estudantes se referem às mudanças e adaptações que são precisam realizar ao chegar

em Belém. Entre tantas diferenças no cotidiano na nova cidade, o relato sobre a alimentação aparece em todas as falas, a mudança de cidade modificou os hábitos alimentares, uma vez que alimentos processados/industrializados são de mais fácil acesso, o que pode causar doenças associadas a esse tipo de alimentação.

Ocupar a universidade me proporcionou uma aproximação ainda maior de minha cultura e me instigou a querer conhecer mais e mais sobre meu povo. De alguma forma, o que já era presente no dia a dia, tornou-se mais valoroso. Reafirmou a importância do meu pertencimento a uma cultura diversa. Me fez perceber o quão bela e rica minha cultura é. Essa aproximação de minhas raízes se tornaria ainda mais intensa ao buscar com os nossos/as velhos/as mais conhecimentos sobre nossa história, tradição e cultura (Xakriabá, 2018, p. 50).

A discussão sobre modo de vida remonta, no contexto dos intelectuais brasileiros, à década de 1930, ainda com o clássico “Parceiros do Rio Bonito”, de Antônio Cândido (1964), dentre outros. Não é nossa intenção discutir tal tema neste momento. Podemos adiantar, no entanto, que não há um conceito sobre essa categoria. Dessa sorte, usamos neste momento apenas uma abordagem voltada à questão ambiental, e os limites do planeta, sabendo que teremos que nos debruçar sobre essa categoria de forma a trazer como a mesma foi tratada no interior da discussão nacional brasileira. Reforçamos que, por ora, nos detemos à abordagem articulada ao contexto atual voltado às questões ambientais:

Nós povos indígenas carregamos o conhecimento da floresta e suas diversidades, a nossa conexão é manter a cosmogonia viva, os nossos rituais, nossos saberes ancestrais. Dessa forma, nós vivemos de forma sustentável em nossos territórios, isso porque o nosso conceito de riqueza é bem diferente do eurocêntrico que chamamos de racismo ambiental com a floresta. Buscamos a visibilidade para manter a floresta em pé, temos ligação com a mãe terra diretamente devido a nossa subsistência e cura de vida, isso mostra e afirma o nosso cuidado na questão ambiental no território (Virginia, Administração, Arapaço, Rio Negro).

Ailton Krenak (2019; 2020) fala sobre a importância do modo de vida para os povos indígenas justamente por pensar a humanidade como todos os seres além do *homo sapiens*, ou seja, humanos são todos os seres que também excluimos: os animais, rios, floresta, vento, montanha e outros, assim, a vida atravessa tudo, até mesmo aquelas vidas que nós banalizamos:

Nós, povos indígenas, não temos uma separação entre nós e a natureza, nós somos natureza. E é por isso que o nosso modo de vida é tão importante. É um modo de vida que valoriza a cooperação, a solidariedade, a convivência harmoniosa com outros seres vivos e com o meio ambiente. É um modo de vida que nos ensina a respeitar a natureza e a cuidar dela como se ela fosse parte de nós mesmos (Krenak, 2019, p. 29).

Eduardo Viveiros de Castro (2002) nos traz uma reflexão sobre as cosmologias indígenas, que diferentemente do pensamento ocidental, o mundo é habitado por espécies variadas de sujeitos ou pessoas, quer dizer, tudo o que há na terra é humano, embora esses outros seres estejam situados em outros corpos, eles possuem história, nome, relações e vínculos sociais. Da mesma maneira em “*Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia*”, Philippe Descola (1998), também trata sobre como a relação humano-animais foi teorizada, no qual a modernidade coloca a ideia de que humanos e animais são feitos de uma materialidade diferente, não somente no comportamento, mas na “natureza”, ou seja, há uma diferença ontológica do ser.

Eu sei que eles não têm uma forma de existir da maneira deles, mas nós também de ajudar eles a existir. Porque a partir que nós estamos destruídos, a mesma forma eles também vão ser destruídos. Então a gente não vai se dizer que a gente é eles são uma coisa, nós somos outros não, nós somos vida faz parte da nossa vida. Então a gente tá aqui pra pra existir e pra fazer eles existirem também. Por isso que a resistência significa tudo isso pra mim resistir significa não só por mim, mas tudo que eu sei que eu posso continuar fazendo existir ainda (Scolny Tucano, Direito, Amazonas).

Krenak (2020) mostra que o *modo de vida ocidental* coloca o mundo como uma matéria plástica que pode ser formatada, usada e lida como uma mercadoria. A exploração dos recursos naturais em massa, característica desse modo de vida ocidental, está criando impactos nas gerações dos povos das florestas e já vem causando impactos no povo da mercadoria, pois as mudanças climáticas não deixam ninguém de fora.

Em “não se come dinheiro” e “a vida não é útil” Ailton Krenak (2019; 2020) mostra que o vício pela modernidade, por meio das invenções e as novas tecnologias estão deixando rastros profundos na terra, nas vidas por onde elas estão passando. Esse vício pela modernidade, fruto do sistema capitalista, faz com que o humano “civilizado” domine os outros humanos que são classificados como se tivessem uma espécie de sub-humanidade. A exploração e produção em massa dos recursos naturais estão contribuindo com o lançamento de altas taxas de CO<sup>2</sup> na atmosfera, principal causador das mudanças climáticas.

Há uns 30 anos já se falava de uma *crise climática* por conta das altas taxas de CO<sup>2</sup> lançadas na atmosfera, embora a divulgação das consequências das mudanças climáticas seja evidenciada, sempre encontramos uma maneira de se esquivar dessa discussão. O modo de vida capitalista está levando o mundo ao colapso, no qual todos estão inclusos. Quando o povo *krenaks*, por exemplo, foram expulsos de seus territórios, seu mundo acabou, ou seja, os

ensinamentos de Krenak partem de sua experiência durante e após o fim do mundo<sup>8</sup> dos Krenaks. Da mesma forma quando Davi Kopenawa (2015) busca sabedoria dos *xapiris* para *falar aos brancos* sobre a floresta, os parentes que ali vivem, os rios e tudo o que é atravessado por vida, é para que os yanomamis continuem sobrevivendo, pois não queria ver seu povo devorado mais uma vez pelas epidemias e pela ganância do povo da “fumaça do ouro”.

Então com a gente essa questão da natureza, né da questão do solo da das árvores é uma existência pra nós né se a gente existe da mesma forma que a gente quer que existam também porque são vidas, né? São vidas que estão aí. A árvore, ela é vida, a terra é como diz o, como diz a minha mãe, todo o animal, todo o inseto são vida então a nossa resistência é existir por eles também é por isso que nós estamos aqui pra preservar eles também (Scolny Tucano, Direito, Amazona).

Para Bruno Latour (2020) não há nada que pode ser feito para amenizar o que já aconteceu, pois o que já aconteceu é irreversível, além disso, não estamos em uma crise, pois o cenário não é reversível e já não temos muito o que fazer. O que podemos fazer, é tentar diminuir o tempo para o fim do mundo como proposto por Krenak (2020). Ailton Krenak pode ser considerado o maior pensador socialista anticapitalista, ao pensar o não desenvolvimento, a desaceleração como proposta para adiar o fim do mundo. Por isso a proposta: desacelerar, esperar como forma de adiar o nosso fim do mundo. Nesse mesmo sentido Bruno Latour (2020) propõe que devemos fazer um progresso ao contrário, ou seja, *retrogerdir* e precisamos *desesperar*, quer dizer, não confiar na esperança como engrenagem sobre o tempo que passa (Latour, 2020).

A partir das reflexões do antropólogo Tim Ingold (2000;2011) sobre os modos de vida, é possível realizar uma análise sobre como esses modos são estabelecidos e mantidos. Segundo Ingold (2000), os modos de vida são relações estabelecidas entre pessoas, animais, plantas, coisas e lugares, que emergem continuamente através da interação entre esses elementos.

Além disso, é importante destacar que os modos de vida não são produtos finais e completos, mas sim processos dinâmicos e em constante transformação, moldados pelas histórias de vida das pessoas, seus encontros e desencontros com outros elementos e suas experiências do mundo ao seu redor (Ingold, 2000):

---

<sup>8</sup> O fim do mundo, não significa que imediatamente seja o fim dos humanos, mas está relacionado ao fato de que, quando o mundo acabar (não existir mais floresta, água) os humanos terão que procurar uma forma de existir. Por isso é tão doloroso pensar nisso. Fim da terra, do vento, da floresta. Ou seja, nós vamos ver a floresta morrer, o rio acabar, depois vamos morrer.

Os modos de vida, então, são criados e sustentados pelas práticas cotidianas das pessoas, que vão além de simplesmente realizar tarefas, mas também envolvem maneiras de ser, sentir e se relacionar com o mundo. Eles são entrelaçados com a ecologia, geografia e história, sendo específicos de um lugar e de um tempo, mas também conectados a outras formas de vida em outros lugares e tempos (Ingold, 2011).

Assim, uma análise dos modos de vida nos leva a compreender que eles são resultados de relações complexas e multifacetadas, que envolvem não apenas elementos objetivos, mas também subjetivos. Os modos de vida são dinâmicos e em constante transformação, moldados por práticas cotidianas e histórias de vida, mas também influenciados por fatores externos, como o ambiente e a história.

Por isso, é fundamental entender os modos de vida em sua complexidade e dinamismo, para compreender as relações estabelecidas entre as pessoas e o mundo ao seu redor. Uma vez que os povos indígenas valorizam a cooperação, a solidariedade e a convivência harmoniosa com outros seres vivos e com o meio ambiente, no qual, a natureza não é um recurso a ser explorado, mas sim um ser vivo que precisa ser respeitado e cuidado.

### **Percepções de *intelectuais indígenas* sobre resistência**

A categoria resistência merece destaque, pois para além de aparecer na literatura, faz parte de nossas vivências e dos relatos dos interlocutores que contribuem para essa pesquisa. De toda forma, a resistência é tratada nas diferentes literaturas aqui trazidas, em sua maioria indígena. Essa escolha não é aleatória, mas figura, ela mesma, como um movimento de resistência, dado que autores indígenas, ou oriundos de comunidades, trazem reflexões importantes sobre essa temática e proposições inovadores no seu trato e olhar, uma vez que são eles falando de suas próprias vivências.

Quer dizer, autores que nos ajudam a pensar nessa resistência e merecem ser trazidos à luz. Dos efeitos negativos da ocupação irregular dos territórios indígenas, para além do saque dos recursos naturais, o pensamento reducionista e a subordinação dos saberes indígenas, resultou a eliminação de formas distintas de produção autônoma de conhecimento (Neves, 2007), no qual, por um certo período acreditou-se no mito da superioridade epistemológica do pensamento europeu (MONTEIRO, 2018).

A resistência indígena se manifesta na luta contra o preconceito e a discriminação na sociedade em geral, na defesa dos direitos territoriais e na promoção da saúde e do bem-estar das comunidades indígenas, conforme João Figueiredo (2017):

A nossa resistência é uma luta pela sobrevivência, pela garantia dos nossos direitos constitucionais e pelo respeito à nossa cultura e tradição. É uma luta que envolve a demarcação das nossas terras, a defesa dos nossos modos de vida e a luta contra a violência e o genocídio dos nossos povos (Figueiredo, 2017, p. 62).

Para Eliane Potiguara (2019, p. 32), indígena estudante da UFPA: "nós, povos indígenas, estamos em constante resistência há mais de 500 anos. Resistimos à colonização, à catequização, à escravidão, à expulsão das nossas terras. E essa resistência continua, pois ainda enfrentamos o racismo, o preconceito e a violência". Logo, a resistência indígena é uma forma de afirmar a identidade dos povos originários, de mostrar que seus saberes são valiosos e importantes, trata-se de uma luta contra o apagamento da história e dos saberes tradicionais, defendendo o direito das futuras gerações de conhecerem e valorizarem essa cultura.

Complementando com a visão de Cajá (2018, p. 15), que apresenta a resistência indígena como uma resistência criativa e que busca estabelecer "novas formas de viver e de se relacionar com a natureza e com os outros seres humanos", ou seja, "é uma resistência que valoriza a nossa sabedoria ancestral e que busca dialogar com outras culturas e tradições".

A seguir, apresentamos as percepções sobre o conceito de "resistência" para cinco indígenas estudantes da UFPA, e, como tentativa de realizar uma escrita subversiva, não pretendemos realizar uma interpretação da interpretação dessas formas de compreender tal conceito.

Elaine Baré é estudante do curso de Bacharel em Ciências Sociais, sua comunidade está localizada no noroeste do estado do Amazonas, nas áreas indígenas do Rio Negro, do povo Baré. Realizou o processo seletivo especial para indígenas estudantes no ano de **2017**, e desde sua aprovação vive na cidade de Belém. Ainda durante o início de sua graduação, ficou grávida de sua primeira filha, ou seja, além de ser indígena, mulher, jovem, também é mãe, marcadores que a tornam ainda mais diferente de seus colegas de sala de aula.

Para Elaine Baré, as resistências dentro da universidade são gigantescas:

porque muitos querem nos tirar daqui. Então na hora se você não me quer aqui dentro eu vou resistir, porque eu quero é ficar aqui. Você não vai me tirar porque aqui é meu lugar. Aqui é um direito conquistado, você não vai tirar isso de mim. Isso é resistência, nós vamos ter resistindo todo dia, lutando como a gente falou, não tem como falar de a nossa forma de existência é essa nós resistimos contra aqueles que não nos querem, contra a opressão, contra os desgovernos, contra os cortes da educação, porque tá vindo bastante principalmente o retrocesso. O retrocesso nós resistimos todo dia contra tudo, contra todos que estão contra a gente. (Eliane Baré).

Scolny Tucano, discente do curso de Direito, também oriundo do Estado do Amazonas, se mudou a Belém para fazer cursar o ensino superior na UFPA, para ele resistir:

é existir (...) resistir à cultura, resistir à língua, resistir à maneira tradicional do indígena de viver, resistir a que a água seja limpa, o sol seja limpo. Então a gente fala que existe não só a nossa existência mas sim toda essa cultura, essa fauna que existe dentro do Brasil, que é a preservação. Então, pra mim resistir é isso. É que ainda continue existindo toda essa diversidade de povos, mas sim da natureza ainda. Então porque a gente está existindo (Scolny Tucano).

No caso de Josilene Galibi Marworno, atual presidenta da Associação de Indígenas Estudantes da Universidade Federal do Pará:

saio de Oiapoque no Amapá para cursar Licenciatura em História, por conta das dificuldades financeiras, uma alternativas para se inserir na produção científica e ter uma ajuda financeira foi a bolsa de quatrocentos reais mensais. Para ela: De quinhentos anos atrás a nossa resistência continua? A nossa luta continua e tinha, não, tem até hoje? O como é? Aquele processo do da lei do projeto de lei? Que é quatrocentos e noventa sobre o marco temporal no qual a gente foi lá, a gente tava nessa, eu tava. Eu passei vinte e cinco dias em Brasília enfrentando frios de dia quente, um clima diferente. Então a gente tava nessa luta, nessa caminhada junto com as liderança, então tudo pra nós enquanto jovem, enquanto mulheres, a gente vem aprendendo, porque hoje eu estou aqui, amanhã é nós que tamos lá também travando lutas, pra demarcar o nosso espaço. Garantir o que o nosso que eles já conseguiram que antes antes da gente, antes de nós enquanto jovens já tinha outros lá lutando por nós que hoje não tão aqui mais. Por isso que a gente começa a se engajar desde criança. Na luta junto com nossos pais, até porque a nossa luta é de geração por geração. A gente consegue ampliar mais com eles travando mesmo essas barreiras, esses tipo de empreendimento que vem dentro de dentro das terras indígenas, isso tudo é luta (...) Luta e religião, seu antepassado é manter viva as memórias deles. Porque não foi em vão que eles lutaram e se sacrificaram e estiveram em outros lugares pra tá aqui nosso na universidade, conquistar nossos espaços. Porque é isso que a gente tem pra nós. E a nossa vida, é resistir a cada dia que passa, resistir contra o racismo, contra o preconceito, contra a falta de gente, social, é muito com muito amplo para falar sobre isso. (Josilene Galibi Marworno)

Juniano Kaxuyana e Tiriyo, que até o ano 2022 cursava enfermagem e logo pelo programa de mobilidade acadêmica afirmativa muda ao curso de medicina, dos interlocutores da pesquisa, o único do estado do Pará, narra que:

a Resistência é basicamente lutar. Dar essa continuidade porque teve inclusive uma fala de um antropólogo que falou que os Kaxuyanos não iriam resistir muito. Inclusive esqueci o nome desse antropólogo. Ele levou alguns objetos, com o meu avô e dizia que ele iria levar pra pro museu, pra Noruega, pra Dinamarca, para outros lugares. Ele é até pra ficar como lembrança. Pra ficar como registrado de que é, a gente iria desaparecer mas a gente tá aqui pra provar dentro da universidade com retomada do do processo de território dos Kaxuyanos que tá em torno de quinhentas pessoas agora. A gente não vai se extinguir, a gente tá aqui e vai sobreviver e vai existir. É nossa existência isso pra mim de que a gente não vai acabar aqui. E a gente vai sempre também independente da cultura dos no caso. De que a gente sempre vai se moldar. Diante das dificuldades a gente vai sempre, como posso dizer. Dizer tipo uma pedra. Que quando existe no Rio. Que a gente, essa pedra não vai impedir o caminho da gente sempre vai passar por ela, a gente sempre vai se moldar a ela. E que a gente tá aí na existência sobrevivendo e garantindo como posso dizer a existência mesmo em

si. Da luta e da preservação da nossa cultura e identidade.( Juniano Kaxuyana e Tiriyó).

Para finalizar, Antônio Piratapuiae Tucano, discente do curso comunicação social, o qual é parte da diretiva da APYEUFPA, desempenhando principalmente nas labores de social media e comunicação, proveniente do Amazonas, exemplifica:

pra mim resistir é você encarar esse sistema colonizador. Que é tá impostos aí pra gente eu acredito que, há muito tempo os já falavam que a gente não ia existir mais. Eh já faz quinhentos vinte dois anos que que isso se pensou. Com a chegada do do do nosso território. Mas já faz quinhentos e vinte e dois anos que nós estamos resistindo. Em todo território brasileiro. Então onde há indígena. Suas comunidades, pessoas não, é uma resistência pra existir. Porque resistir é pra existir. Para manter a nossa identidade, a nossa cultura, o nosso território. Para outras gerações e eu falo além mais. A nossa resistência é que mantém o não indígena vivo ainda porque somos nós que preservamos nossos territórios. Nós preservamos a Amazônia preservamos a terra, a água. E isso o branco não entendi. O branco ele só quer destruir, usar, destruir e matar. Poluir os rios, queimar a terra, floresta? Fazer buracos na terra. Tirar o ouro, o garimpo e isso ele vai matando ele mesmo, mas nós estamos lá pra dizer parte disso, não. Não, não é assim que tem que ser. Se não fosse a gente, quantos rios, hoje estariam poluídos. Quantas marcas não estariam hoje destruídas. Porque nossos territórios são demarcados E a resistência da universidade é a mesma coisa. Se nós não estivéssemos aqui o branco ia continuar falando da gente, ia continuar pesquisando a gente e nós só íamos servir como objeto de pesquisa. Sem ter a voz para falar. De dizer olha eu que fiz isso aqui, é eu que vou publicar, é eu que tô aqui. Então a resistência ela é uma, é uma teimosia, uma coragem do indígena de lá vivendo. Então onde nós estamos há uma resistência. A gente tem uma resistência na universidade porque sempre todo ano querem acabar com a entrada do indígena. Querem acabar com o PSE e hoje nós estamos lá na no maior conselho do, no conselho superior da universidade dizendo, olha estamos aqui porque eu quero que esse edital seja aprovado. Eu quero porque tem parente que quer entrar na universidade. Então a resistência passa por isso, ela passa por essa união das dos vários povos. Porque não tem só um povo aqui, são quarenta e sete. Há quarenta e sete povos dentro da Universidade Federal do Pará. É a maior universidade que concentra a maior universidade que concentra povos indígenas. Do Brasil todo e da região amazônica. Que abre esse espaço. Abre não. A gente entra com tudo. E a e ocupa esse lugar. Demarca esse território, porque como a gente falou lá ela nos foi dada, então a gente entra com a nossa força, nossa resistência. Que foi passada de geração em geração. Continuar existindo. A nossa existência é pra existir, lutar e conquistar e sai informado daqui. ( Antônio Piratapuiae).

## **Considerações finais**

Ainda que os indígenas estudantes enfrentem situações de preconceito e racismo na Universidade Federal do Pará, é notável a sua resiliência e determinação. As ações afirmativas, embora sejam um avanço institucional, não resolvem completamente o problema subjacente da falta de inclusão de suas formas educacionais. A universidade, em sua concepção original, muitas vezes não considera as necessidades e experiências dos indígenas estudantes.

É notório que estudantes indígenas têm se destacado como agentes de mudança, uma vez que sua entrada na universidade lhes deu possibilidade para se tornarem pesquisadores, logo, narrar suas próprias histórias e culturas, utilizando a escrita acadêmica como uma ferramenta de emancipação e preservação de seus modos de vida. Embora a mudança de cidade tenha impactos negativos nos modos de vida dos indígenas estudantes - no caso da alimentação -, a transição para uma sociedade não indígena tem alimentado ainda mais a resistência e contribuído para o fortalecimento e defesa de seus territórios, ao mesmo tempo, enriquecendo o cenário educacional para as gerações futuras. As lutas dos estudantes não apenas impactam suas vidas, mas também é uma força motriz na transformação da sociedade em direção a uma maior compreensão e valorização da diversidade cultural e do respeito à floresta e aos direitos indígenas.

## Referências

- BANIWA, Gersem. **Educação escolar indígena no século XXI: encantos e desencantos**. Rio de Janeiro: Mórula, Laced, 2019.
- BERGAMASCHI, Maria Aparecida. Intelectuais indígenas, interculturalidade e educação. **Tellus**, p. 11-29, 2014.
- BICALHO, Poliene Soares dos Santos. *As Assembléias Indígenas - O advento do movimento Indígena no Brasil*. **OP SIS**, Catal.,o, v. 10, n. 1, p. 91-114, jan-jun, 2019.
- BRAGA, Gabriel Silva et al. **Políticas públicas de ações afirmativas: desafios enfrentados por indígenas discentes na graduação da Universidade Federal do Pará**. 2022.
- BRAGA, Gabriel Silva; NETO, Antônio José Marinho Aguiar; CARDOSO, Denise Machado. **Indígenas Intelectuais e a Pós-Graduação: Um Desafio Para as Universidades Brasileiras**. *Revista Zabelê-Discentes PPGANT/UFPI*, v. 3, n. 1, p. 95-112, 2022.
- BUTI, Rafael P. História Quilombola no Chão – No caminho para o ensino de uma antropologia imersa na vida. **Novos Debates**, v. 7, n. 1, 2021.
- CAJÁ, Marcos Terena. **Povos indígenas em busca de autonomia**. São Paulo: Editora UNESP, 2018.
- CANDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. 9. ed. São Paulo: Ed. 34, 2001
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo, Pioneira, 1976.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de antropologia**, p. 13-37, 1996.



CASTRO, Eduardo Viveiro. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

COHN, Clarice. **Educação escolar indígena**: para uma discussão de cultura, criança e cidadania ativa. *Perspectiva*, v. 23, n. 02, p. 485-515, 2005.

DE FÁTIMA FERNANDES, Rosani. **Pós-Graduação em Direitos Humanos**: relato de uma experiência. *Tellus*, p. 149-154, 2007.

DESCOLA, Philippe. **Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia**. *Mana*, 4(1), 23-45, 1998.

ELOY AMADO, Luiz Henrique. **Para além da Universidade**: experiências e intelectualidades indígenas no Brasil. *IdeAs*, 16 | 2020. Disponível em: <http://journals.openedition.org/ideas/9442>. Acesso em: 05 de outubro de 2022.

ELOY AMADO, Luiz Henrique e BROSTOLIN, Marta Regina. **Educação Superior Indígena: desafios e perspectivas a partir da experiência dos acadêmicos indígenas da UCDB**. Anais do IV Seminário Povos indígenas e sustentabilidade: saberes tradicionais e formação acadêmica, Campo Grande, 2011.

FERNANDES, Edimar Antônio. **Políticas afirmativas para povos indígenas—sob o olhar dos protagonistas**. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia), Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

FIGUEIREDO, João Pinto. **Direitos indígenas no Brasil**: história, lutas e perspectivas. São Paulo: Editora Unesp, 2017

FONSECA, Virgínia Braga. **Trajatória de Uremirí Arapasso**: movimento indígena e resistência na Universidade. *Tellus*, p. 315-324, 2019.

GRILLO, Oscar . Etnografía multisituada, etnografía digital: reflexiones acerca de la extensión del campo y la reflexividad. **Etnografías Contemporáneas**, año 5. N° 9, pp. 73-93, 2019.

INGOLD, T. **The Perception of the Environment**: Essays on Livelihood, Dwelling and Skill. Routledge, 2000.

INGOLD, T. **Being Alive**: Essays on Movement, Knowledge and Description. Routledge, 2011.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & realidade**, v. 22, n. 2, 1997.

KOPENAWA, Davi. Falar aos brancos. in: KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. Editora Companhia das Letras, 2015.

Krenak, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. Não se come dinheiro; A vida não é útil. In: **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LATOUR, Bruno. Sobre a instabilidade (da noção) de natureza. In: **Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no antropoceno**. São Paulo: UBU Editora, 2020.

MONTEIRO, Valdênia Brito. **Mulher indígena: resistência em tempo de retrocesso de direitos**. Cadernos do CEAS: Revista crítica de humanidades, n. 243, p. 104-119, 2018.

MUNDURUKU, Daniel. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990)**. São Paulo: Paulinas, 2012.

NEVES, Clarissa Baeta; RAIZER, Leandro; FACHINETTO, Rochele. Acesso, expansão e equidade na educação superior: novos desafios para a política educacional brasileira. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 9, n. 17, p. 124-157, jan.-jun. 2007.

POTIGUARA, Eliane. **Mulheres indígenas: vozes que ecoam na resistência**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2019.

POSEY, Darrell Addison. **Interpretando e utilizando a “realidade” dos conceitos indígenas: o que é preciso aprender dos nativos**. Espaços e recursos naturais de uso comum, p. 279-294, 2001.

SOARES, Ana Manoela. **As perguntas das antropólogas: percepções sobre a demarcação do território da escrita e o costurar dos conhecimentos**. Novos Debates, v. 7, n. 1, 2021.

XAKRIABÁ, Célia Nunes Corrêa. **O barro, o jenipapo e o giz no fazer epistemológico de autoria xacriabá: reativação da memória por uma educação uterritorializada**. Dissertação de Mestrado. UNB: Brasília, 2018.

**Artigo submetido em: 26 de setembro de 2023.**

**Artigo aceito em: 27 de outubro de 2023.**

**Artigo publicado em 10 de novembro de 2023.**